

6
2
EDICÇÕES POPULARES

DOS LIVROS ANTIGOS E MODERNOS MAIS LIDOS NA EUROPA

BIBLIOTHECA ECONOMICA.

(SEGUNDA SERIE).

PUBLICADA SOB A DIRECCÃO DE EDUARDO DE FARIA.

MURAT.

POR

ALEXANDRE DUMAS.

1404
PREÇO 50 RÉIS.

LISBOA — TYPOGRAPHIA UNIVERSAL — 1854.

RECIBIDOS POPULARES

BIBLIOTECA ECONOMICA

(segunda edic.)

EN BILBAO, POR LA DISTRIBUCION DE ENRIQUE DE VASCO

MURAT.

por

ALEXANDRE DUMAS

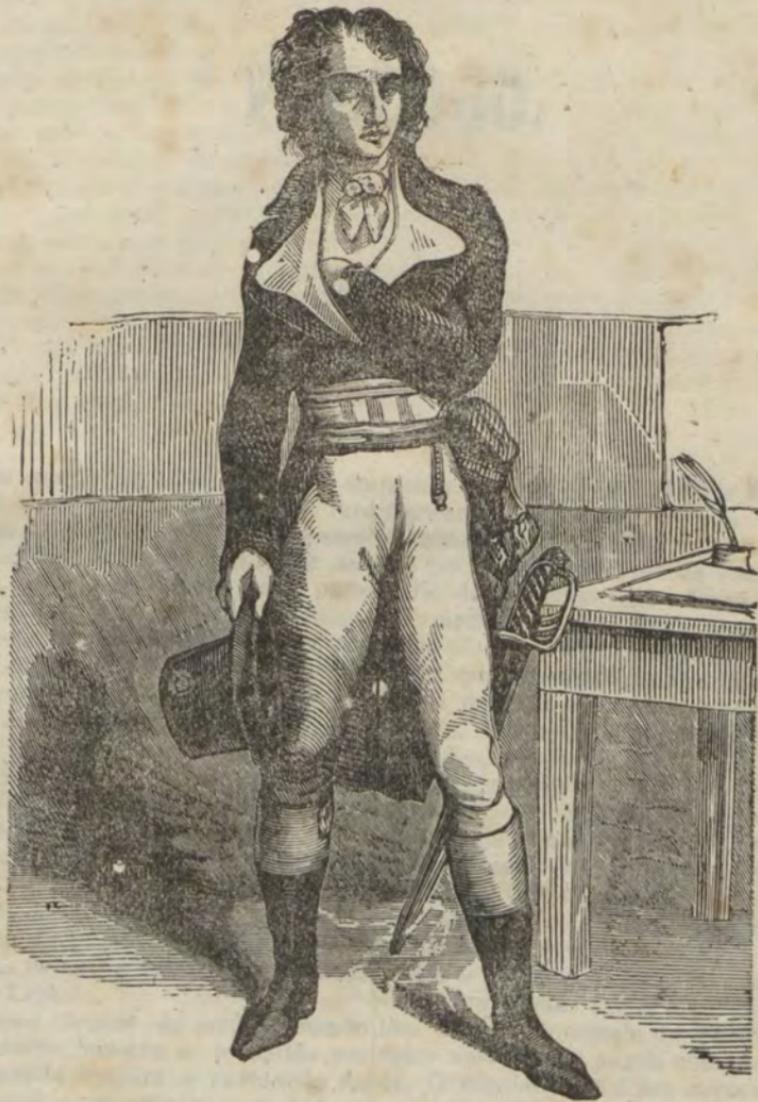
PRECIO 50 REIS.

LIBRERIA DE ENRIQUE DE VASCO

MURAT.

POR

ALEXANDRE DUMAS.



MIRABAT.

FOR

ALEXANDRE DUMAS.



LISBOA — TYPOGRAPHIA UNIVERSAL — 1874

PROLOGO.

Em uma noite do anno de 1834, foi apresentado em casa de Grisier por lord S. o general italiano T. Este general era um homem distincto tanto por sua instrucção e coragem como pela parte que tomára em dous successos politicos importantes que o tornavam uma personagem historica. Estes dous successos foram o processo de Murat em 1815, e a revolução de Napoles em 1820.

Membro da commissão militar que devia julgar o ex rei Joaquim, o general T., naquella época simples capitão, foi mandado a Pizzo para aquelle fim, e foi o unico que se atreveu a votar contra a pena de morte. Este procedimento foi considerado como traição, e o capitão T. mettido em processo foi condemnado a perder a sua patente e desterrado por dous annos para Lipari.

Tres annos depois de ter regressado do seu desterro, achava se o capitão em Napoles quando estalou a revolução de 1820, na qual se envolveu com todo o ardor de sua coragem e consciencia de suas opiniões. O principe Francisco re-

gente do reino, que depois succedeu a Fernando, seu pai, parecia ter cedido francamente ao movimento revolucionario; e um dos motivos da confiança que nelle depositaram logo muitos dos patriotas mais influentes, foi a escolha do capitão T. para commandante de uma divisão que marchava contra os austriacos. O fim desta desastrosa campanha é bem sabido. O general T. abandonado por seus soldados, foi dos ultimos que regressou a Napoles, seguido de perto pelos austriacos. O principe Francisco, forte com a presença destes, julgou inutil dissimular por mais tempo, e proscreeu como rebeldes e culpados de alta traição, aquelles mesmos, cujos despachos havia assignado tres semanas antes.

Mas a proscricção não foi operada com tanta brevidade, e o general ainda recebeu em um botequim de Toledo um insulto verbal que pagou com uma bofetada. O esbofetado foi um coronel austriaco, que pedio uma satisfação; e o general, bem longe de lh'ê recusar tratou immediatamente de dar lha. Todas as con-

dições propostas pelo coronel foram logo acceitas pelo general, e sem minima discussão, donde resultou terminarem rapidamente os preliminares do duello que devia ter lugar no dia immediato, a cavallo, e á espada.

Os adversarios apresentaram-se no dia, hora, e local determinado, mas, ou fosse porque as testemunhas se não tivessem explicado bem, ou porque o general se houvesse esquecido de uma das condições do combate o caso é que elle se apresentou em uma sege de aluguer.

As testemunhas propõe ao coronel o bater-se a pé, mas elle recusou com desdenho. O general desatreitou immediatamente um dos cavallos da sege, montou-o em pélo e sem redea, e ao terceiro bote matou o coronel. — Este duello deu muita fama á coragem e sangue frio do general T., mas não melhorou a sua situação. Oito dias depois foi intimado para saber de Napoles aonde não tornou.

E' facil adivinhar o munto que prezamos o encontro deste homem importante. A sua primeira visita se passou em conversação geral; na segunda aventurámos algumas perguntas; na terceira, graças ás nossas importunações, já o florete do general traçou planos de batalha na parede e no sobrado.

A que mais desejavamos conhecer em tre todas as suas narrações historicas, era a das circunstancias que haviam precedido, e terminado a execução de Murat. Estes permenores tinham sempre ficado cobertos, na restauração, com um escuro véo, o qual se tornara difficil de levantar, mais por causa das susceptibilidades reaes, do que pela distancia dos logares em que tinham acontecido.

Desde que os partidarios do imperio tinham cessado de fazer opposição, acabara-se-lhe o prestigio; pelo que se perdessemos a occasião de interrogar esta tradição viva, corriamoos o risco de ser-

mos obrigados a recorrer á historia official, que já sabiamos não era genuina. Deixámos pois saciar cada um a sua curiosidade a custa da paciencia do general T., que prometteu reservar para nós o que lhe restasse desponivel depois da reunião.

Esperámos que elle saisse, e como ambos nos dirigiamos para o mesmo ponto, acompanhámo-lo até ao castello; e então ousámos fazer-lhe algumas perguntas mais intimas sobre o facto que nos interessava. O general conheceu o nosso desejo, e comprehendeu o fim com que nos abalancámos a manifestar-lho: e com aquella obsequiosa franqueza de que sempre deu provas, disse-nos: — Especialidades de tal natureza não podem comunicar-se de viva voz e n'um instante; além disso posso esquecer alguma circumstancia, e o mesmo vos poderá succeder e se me não engano, vós não quereis talvez olvidar nem sequer um ponto do que eu vos disser. — Então, sorrindo, fizemos um signal de negativa.

— Muito bem! continuou o general, eu vos enviarei amanhã um manuscrito: vós o lereis, e podeis até publical-o, com a condição porém de que o meu nome não appareça por inteiro, porque não tenho a certeza de não voltar ainda a Napoles. Em quanto á authenticidade, eu vo-la affianço, porque a narração que elle contem foi redigida ou pelos meus proprios apontamentos e lembranças, ou extractada de peças officiaes.

Era mais do que podiamos desejar; porisso agradecemos ao general, e lhe demos uma prova do interesse com que o haviamos de ler, exigindo-lhe a promessa solemne de nos o enviar no seguinte dia. O general foi fiel á sua palavra. O manuscrito, pois, que vamos apresentar aos leitores é obra de uma testemunha ocular, e traduzido com toda a fidelidade.

MURAT.

I.

TOULON.

A' mesma hora em que os destinos da Europa se decidiam em Waterloo a 18 de junho de 1815, um homem que parecia mendigo, ia silenciosamente pela estrada que leva de Toulon a Marselha. Chegando á entrada das gargantas de Ollioules, parou sobre uma pequena eminencia, donde descobria toda a paisagem que a cercava: então, ou porque tivesse chegado ao termo da sua jornada, ou porque antes de se metter por esse agreste e sombrio desfiladeiro, chamado, as Thermopylas da Provença, quizesse desfructar ainda por algum tempo o quadro magnifico que se lhe patenteava no horizonte meridional, foi assentar-se á borda do fosso que ficava ao lado da estrada real, voltando as costas para as montanhas que se elevam em amphitheatro ao norte da cidade.

Nesta posição ficava-lhe inferior uma fértil planície, cuja vegetação asiatica

rouze, á similhaça de uma estufa, arvores e plantas desconhecidas nas outras partes da França. Para além desta planície em que reflectiam os ultimos raios do sol, estendia-se o mar, sereno e lizo como um espelho, e pela superficie da agua se deslisava ligeiramente um só brigue de guerra, que, com todas as velas enfunadas pela fresca viração da terra, era impellido rapidamente para as aguas de Italia. O mendigo o acompanhou avidamente com os olhos até o momento em que desapareceu entre o cabo de Gien e a primeira das ilhas de Hyeres; depois apenas a branca aparição se apagou, soltou um profundo suspiro, tapou o rosto com as mãos, e ficou immovel e absorto nas suas reflexões, até que o estrepito de uma cavalgata o fez estremecer; levantou logo a cabeça, sacudio os bastos cabellos negros, como se quizesse expellir de si as ideias penosas que o affligiam, e fitando os olhos na entrada do desfiladeiro, do lado donde vinha o ruido, vio sabir dous cavalleiros que de certo lhe não eram estranhos, porque no mesmo instante se poz

em pé, deixou cair o seu bordão, cruzou os braços, e voltou-se para elles. Os recém-chegados, apenas o viram pararam, e o que ia adiante aprou-se, d'itou a redea ao braço do seu companheiro, e tirando o chapéo, apesar de estar a mais de cincoenta passos do que parecia mendigo, dirigiu-se para elle com mostras de respeito. O mendigo esperou que elle se aproximasse, com ar de dignidade e sem fazer o menor movimento; depois quando chegou a curta distancia disse-lhe:

— Ora bem, senhor marechal, recebestes noticias?

— Sim senhor, respondeu com tristeza o interrogado.

— E de que natureza foram ellas?...

— Foram taes, que eu antes quizera que outrem, e não eu, as annunciasse a Vossa Magestade...

— Visto isso, o imperador não acceita os meus serviços! já se não lembra das victorias de Aboukir, d'Eylau, de Moskou?

— Não, senhor; só se lembra do tratado de Napoles, da tomada de Regio, e da declaração de guerra, feita ao vice-rei de Italia.

— O mendigo bateu na testa.

— Sim, sim, talvez que a seus olhos eu mereça essas reprehensões; mas parece-me, contudo, que elle deveria lembrar-se que havia dous homens em mim, o soldado que elle fez seu irmão, e o irmão que elle fez rei... Sim, como irmão, perderá elle accusar-me com justiça; mas como rei, juro por minh'alma que não podia proceder de outra forma... era necessario escolher entre a espada e a corôa — entre um regimento e um povo!... Se soubesses, Bruno, como as cousas se passaram! Na barra rebumbava o canhão, da esquadra ingleza; nas ruas amotinava-se o povo de Napoles. Se eu estivesse só, teria passado n'um batel por entre a esquadra; com a minha espada faria caminho pela multidão; mas tenho mulher e filhos. Contudo ainda hesitei; a ideia de que poderia ligar-se ao meu nome o epitheto de traidor, fez-me verter mais lagrimas do que a perda do meu throno, ou talvez a morte dos entes que me são mais charos... Enfim, já me não quer,

não é assim?... regeita-me, como general, como capitão, como soldado?... Que me resta pois fazer?

— Senhor, é necessario que vossa magestade saia immediatamente de França.

— E se eu não obedecesse?

— Em tal caso devo prender-vos e entregar-vos a um conselho de guerra, em cumprimento das ordens que me foram dadas.

— O que tu não farás, não o assim, meu velho camarada?

— De certo farei, pedindo a Deus me tire avida no momento de prender-vos.

— Está bem, Bruno, continuas a ser, como sempre, valente e leal; mas é porque se vos não deu um reino, nem a vossa fronte cingio o circulo de fogo, chamado corôa, que faz perder a razão; não vos collocaram entre a vossa consciencia e a vossa familia. Assim forçoso me é deixar a França, e tornar a começar uma vida errante, dizer adeus a Toulon, que me recorda tantas lembranças. Bruno, continuou Murat, apoiando-se sobre o braço do marechal, não são aquelles pinheiros tão bellos como os de Pamphila, não são aquellas palmeiras egueses ás do Cairo, não julgariamos aquellas montanhas uma cordilheira do Tyrol? Olhae á esquerda; não se assemelha um pouco o cabo de Gienos menos o vesuvio, a Castellamare e Sorrente? E lá abaixo Saint Mandrier, que fecha o golfo, não figura o meu rochedo de Capia, que Lamarque usurpou tão sagazmente ao imbecil Hudson Low? Oh! meu Deus! é forçoso deixar tudo isto! Dizei, Bruno, não haveria meio de ficar n'um canto desta terra franceza?...

— Senhor, dilacerais-me o coração! respondeu o marechal.

— Tendes razão, não fallemos mais nisso. Que é de novo?

— O imperador partio de Pariz a reunir-se ao exercito; a esta hora devem estar batendo-se...

— Estão batendo-se, e eu ausente! Oh! eu lhe teria sido util n'um dia de batalha! com que prazer não carregaria eu esses malvados prussianos e miseraveis inglezes! Bruno, dae-me depressa um passaporte, e eu partirei a toda a brida, chegarei ao

exercício, far-me-hei reconhecer por um coronel o direi dai-me o vosso regimento, que: eu carregarei á sua frente, e dou-vos a minha palavra de honra, que se á noite o imperador me não apertar a mão com um tiro me farei saltar os miolos!...

Fazei o que vos peço, Bruno, e por qualquer forma que isto acabe, eu vos prometto um reconhecimento eterno!

— Não me é possível senhor...

— É vossa magestade sahirá de França?

— Não sei; compri as vossas ordens, marechal; e se me tornares a encontrar, fazei-me prender; é actualmente o melhor serviço que podeis fazer-me!.. a vida é hoje para mim um pesadello enorme, e quem delle me livrar é para mim um libertador... adeus Bruno. — E offerecendo a mão ao marechal, este lha quiz beijar, mas Murat abriu os braços; os dois velhos camaradas estiveram por um instante abraçados, e as lagrimas que lhes banhavam as faces significavam o muito que sentiam. Separaram-se em fim. Bruno tornou a montar a cavallo.

Murat pegou no seu bordão, e cada um delles seguiu o seu destino: Bruno para ser assassinado em Avinhão — Murat para ser fuzilado no Pizzo.

A este tempo Napoleão, qual outro Ricardo III, trocava em Waterloo a sua coroa por um cavallo.

Depois da entrevista que vimos de narrar o ex-rei de Napoles retirou-se a casa de seu sobrinho de Bonafoux, capitão de fragata; mas este retiro era apenas provisório, porque o parentesco devia excitar as suspeitas das autoridades. Portanto Bonafoux tratou de procurar um asylo mais seguro para seu tio: lembrou-se de um advogado seu amigo, cuja probabilidade inflexível conhecia, e na mesma noite o foi procurar. Depois de conversarem um pouco sobre objectos indifferentes perguntou-lhe senão possuia uma quinta á beira-mar, e obtida a resposta affirmativa, deu-se por convidado para almoçar com elle no dia seguinte; a proposta foi acceita com prazer.

No dia seguinte, á hora convencionada, Bonafoux chegou a Bonett (assim se

denominava a casa de campo em que habitava a mulher e a filha do senhor Marouin, porque elle pela sua occupação de advogado era obrigado a habitar na cidade). Depois dos cumprimentos do estylo, Bonafoux chamou de parte a Marouin:

— Julgava, lhe disse elle com inquietação, que a vossa quinta era situada mais perto do mar. — Daqui ao mar são dez minutos de caminho.

— Mas não se avista daqui.

— E' porque o encobre aquella montanha.

— Vamos nós passar pela costa em quanto não chega a hora do almoço?

— Com todo o gosto. O vosso cavallo ainda está sellado; vou mandar apparellhar o meu, e já volto.

Marouin sahio. Bonafoux ficou á janella entregue ás suas meditações. As donas da casa, distrahidas com os preparativos do almoço, não notaram, ou fingiram não notar a sua preocupação. Passados cinco minutos, Marouin voltou; tudo estava prompto. O advogado e o seu hospede montaram a cavallo, e dirigiram-se para o mar. Chegados á praia, o capitão abrandou o passo do seu cavallo, e seguindo a costa quasi meia hora, pareceu dar a maior attenção á sua disposição. Marouin seguia-o sem lhe fazer a minima pergunta sobre este exame que não estranhava n'um official de marinha. Finalmente, depois de uma hora de marcha, os dois passeantes voltaram a casa. Marouin quiz mandar desapparellhar os cavallos, mas Bonafoux disse-lhe, pondo-lhe a mão sobre a perna: — Marouin, tenho uma coisa grave a dizer-vos, um segredo importante a confiar vos.

— Dizei, capitão. Depois dos confessores, vós sabeis que ninguem ha mais discreto que os tabelliães, e depois dos tabelliães os advogados.

— Talvez julgasseis, Marouin, que eu vim á vossa casa de campo, só com o fim de dar um passeio. Um objecto mais importante, uma responsabilidade mais séria, me preocupa; e de todos os meus amigos fostes o preferido, por entender

que sois o mais capaz de me fazer um grande serviço.

— E fizestes muito bem capitão.

Vamos pois tractar com concisão e rapidez, como convem se faça entre homens que se estimam, e que contam um com outro. Meu tio; o rei Joaquim, foi proscripto; está escondido em minha casa, mas não pode ficar alli, porque ella será certamente a primeira visitada. A vossa casa de campo é isolada, e por isso a mais propria para lhe servir de retiro. E' necessario que vós a ponhaes á nossa disposição, até que os acontecimentos permittam ao rei o tomar um a deliberação.

— Podeis dispor della como vossa, diz Marouin.

— Meu tio já esta noite virá ficar na vossa casa.

— Mas dai-me tempo ao menos de a tornar digna do hospede real que vai ter a honra de receber.

— Meu hom Marouin, tomais um incommodo inutil; impondo-nos ao mesmo tempo com elle uma demora que nos pôde ser fatal. Meu tio Joaquim perdeu já o habito dos palacios e cortezães; julga-se hoje venturoso quando encontra uma cabana e um amigo; e além disso, eu já o tinha prevenido, porque a certeza da vossa amizade me assegurava antecipadamente a resposta que acabaes de dar-me. Elle conta esta noite ficar em vossa casa; e se agora vós tratasseis por qualquer forma de obstar á realisação desse desejo, elle veria uma razão onde só ha uma curta dilação, e vós perderieis todo o merecimento de uma acção boa e nobre. Portanto, está dito: as dez horas da noite no campo de Marte.

— A estas palavras, o capitão metheu o seu cavallo a galope e desapareceu. Marouin faz retroceder o seu, e volta a casa a dar as ordens necessarias para a recepção de um estrangeiro, cujo nome occultou.

A' hora aprazada, Marouin estava no campo de Marte, occupado então pela artilheria de campanha do marechal Bruino. Ninguem o esperava ainda. E quando elle passeava entre uns caixões, uma

sentinella lhe perguntou o que fazia alli. A resposta era bastante difficil, por não ser crível que alguém por simples recreio andasse passeando ás 11 horas da noite por entre um parque d'artilheria: pediu para fallar com o commandante da guarda, e um official se aproximou. Marouin se lhe dá a conhecer por advogado adjunto ao maire da cidade deoulon, e diz que esperava alli um individuo, com quem tinha tractado encontrar-se no campo de Marte ás 10 horas da noite, ignorando que isso fosse prohibido. O official satisfeito com esta explicação, authorisou-o a conservar-se allí, e voltou ao seu posto. A sentinella, fiel observante da disciplina, continuou o seu passeio regular, sem se inquietar com a presença do estranho.

Passados alguns minutos appareceu do lado de lá, incens um grupo de diversos individuos. O horisonte estava limpo, e a lua brilhante. Marouin reconheceu Bonafoux e saiu-lhe ao encontro. O capitão, apertando-lhe ternamente a mão, apresentou-o logo ao rei, e dirigindo-se successivamente a cada um delles, disse: « Senhor aqui tendes o amigo em que vos fallei, e vós meu amigo (voltando-se para Marouin) aqui tendes o rei de Naples, proscripto e fugitivo: á vossa honra o confio. Não quero fallar da possibilidade de readquirir um dia a sua corôa; porque seria isso tirar o merecimento da vossa acção... Agora peço-vos que lhe sirvais de guia, e nós vos seguiremos de longe: marchai.

O rei e o advogado se poem a caminho. Murat trajava um casacação azul meio á militar, meio á paisana, abotoado d'alto abaixo, calça branca e botas com esporas, os cabellos muito compridos e os bigodes tão longos e espessos que podiam dar volta ao pescoço. Durante o caminho foi elle interrogando o seu hospede sobre a situação da casa de campo que ia habitar sobre a facilidade que teria em caso sinistro de fugir por mar. A' meia noite o rei e Marouin chegam a Bonnette, e dez minutos depois o sequito real, que se compunha de 30 pessoas. Depois de tomar alguns refrescos esta pe-

quena tropa, ultima comitiva do rei decaído, retirou-se para dispersar na cidade e seus arredores, e Murat ficou só com as senhoras, não conservando consigo senão um escedeiro chamado Leblam.

Murat demorou-se um mez nesta solidão, occupando-se todos os dias em rebater os jornaes que o haviam accusado de traição ao imperador. Esta occupação era o seu pesadello, o seu fantasma e o seu espectro: trabalhava de dia e noite em affastal-o. Entretanto espalhou-se a desastrosa noticia da derrota de Waterloo. O imperador que acabava de o proscréver era tambem proscripto, e estava á espera em Rochefort, como Murat em Toulon, do que iam decidir os inimigos. Ignora-se ainda a que voz interior cedêra Napoleão, quando, repellindo os conselhos do general Lallemand, e a deliciação entusiastica do capitão Rodin, preferio a Inglaterra á America, e foi, qual Prometeo moderno, pregar-se sobre o rochedo de Santa Elena. Nós vamos dizer agora que circumstancia fortuita conduziu Murat aos fossos de Pizzo: depois deixaremos áos fatalistas tirar desta estranha historia as deducções filosoficas que quizerem. Em quanto a nós, nada mais nos cumpre do que responder pela verdade dos factos que já narramos e dos que havemos de narrar.

Luiz XVIII havia subido ao throno: e portanto nenhuma esperença restava á Murat de poder ficar em França. Não lhe era possível deixar de partir. Seu sobrinho Bonafoux afretou um brigue para os Estados Unidos em nome do principe Rocca Romana. Toda a comitiva foi para bordo, e começaram a fazer transportar os objectos precizos que o proscripto podêra salvar do naufragio da realleza. A primeira coisa foi um sacco de ouro pouco mais ou menos do peso de cem libras: uma guarnição de espada, em que estavam os retratos do rei, da rainha e de seus filhos; e os assentos do estado civil da sua familia encader-nados em veludo e ornados com as suas armas. Quando a Murat, havia posto á roda de si um cinto, em que estavam guardados, entre alguns papeis precio-

sos, uns 20 diamantes desencravados, cujo valor orçava a uns quatro milhoess.

Determinados todos estes preparativos de viagem, ajustou-se que no dia seguinte, o 1.º de Agosto, ás 5 horas da manhã, o escalar do brigue viria buscar o rei á uma paqueta bacia distante 10 minutos de caminho da casa de campo que elle habitava. O rei passou a noite a traçar a Marouin um itinerario, por meio do qual devia ir ter com a rainha, que então se achava na Austria: concluido o qual no momento de partir, ao sair desta casa hospitaleira, onde tinha encontrado abrigo, entregou nas mãos do dono da casa um volume de Voltaire. No fim do conto de Micromegas havia o rei escripto o seguinte:

— « Tranquilliza-te minha querida Carolina; ainda que bem desgraçado, estou livre. Parto sem saber para onde, mas, por toda a parte aonde eu fôr, o meu coração será teu e de meus filhos. — J. M. »

Dez minutos depois, Murat e o seu hospede esperavam na praia de Bonette a chegada da canoa que devia conduzir o fugitivo ao seu navio. Esperaram assim até ao meio dia, sem que apparecesse, e comtudo viam no horizonte o brigue salvador, que, não podendo lançar ferro por causa da profundidade do mar, fazia bordos arriscando se a despertar com esta manobra, a atenção das sentinelas da costa. Ao meio dia, o rei, oprimido de fadiga, abrazado pelo sol, tinha-se deitado na praia, quando chegou um criado, trazendo alguns refrescos que a senhora Marouin, enviava, a todo o risco, a seu marido. O rei tomou um copo d'agua misturada com vinho, comeu uma laranja, e levantou-se para vêr se avistava, na immensidade do mar, o escaller por que esperava. O mar estava deserto, e só o brigue se curvava graciosamente no horisoate, impaciente de partir como um cavallo que espera por seu dono.

O rei deu um suspiro, e tornou-se a deitar sobre a praia. O creado voltou a Bonette a chamar o irmão de Marouin. Um quarto de hora depois chegava elle,

ella demandava tres pés de água, forçoso foi que ficasse a dez ou doze passos da praia. Então dois homens velaram logo ao mar e chegaram a terra, quando o terceiro, embalhado no seu capote deitado ao pé do leme.

— Muito bem, meu amigos, diz o rei saindo ao encontro de Blancard e de Langlade até sentir as vagas molhar seus pés, é chegado o momento, não é assim? O vento é bom, o mar está bonançoso; vamos amigos.

— Sim, respondeu Langlade, sim, senhor, é necessario partir mas talvez fosse mais prudente deixar isso para amanhã.

— Porque? replicou Murat.

Langlade não respondeu; mas, voltando se para o poente levantou a mão, e segundo o habito dos marinheiros assobiou para chamar o vento.

— E' inutil, diz Donadieu, que ficara na barca eis as primeiras aragoas que chegam, bem depressa soprará tanto que te hada dar que fazer... toma cuidado, Langlade, toma sentido: ás vezes chama se o vento e acorda se a tempestade.

Murat estremeceu, parece este aviso dado pelo espirito das agoas mas a impressão foi passageira, e logo recobrou animo.

— Tanto melhor, diz elle, quanto mais vento tivermos, mais depressa navegaremos.

— Sim, respondeu Langlade. Deus é que sabe aonde elle nos conduzirá, se continua a soprar deste lado.

— Não partaes esta noite, senhor, diz Blancard, apoiando a opinião de seus companheiros.

— Mas finalmente, porque?

— Porque! vedes vós aquella linha negra, não é assim? pois bem, ao por do sol ella era apenas visivel e a agora que cobre uma parte do horizonte; daqui a uma hora, não haverá uma só estrella no céu.

— Tendes medo? disse Murat.

— Medo! respondeu Langlad, e de que? da tempestade? e encolheu os hombros. É a bem dizer, como se eu perguntasse a vossa magestade se tinha medo de uma

bala de artilheria. O que dissemos é por vosso respeito, senhor, mas que quereis que façam a tempestades a lobos marinhos como nós?

— Partamos pois! gritou Murat, arrancando um suspiro. Adeus, Marouin... Só Deus pôde recompensar-vos do que tendes feito por mim. Estou nas vossas ordens, senhores.

A estas palavras, os dois marítimos pegaram no rei, e levantando-o sobre os hombros, entraram logo no mar, e n'um instante o posaram a bordo; Langlade e Blancard subiram atraz d'elle, e Donadieu ficou ao leme: os outros dois officiaes se encarregaram da manobra, começando o seu serviço por largar as velas. E logo como um cavallo que sente a espora, a pequena barca pareceu animar-se, os marinheiros olharam com indifferença para a terra, e Murat, vendo qu' se afastava, voltou-se para o lado do seu hospede e lhe gritou pela ultima vez.

—endes o vosso itinerario até Trieste... não esquecaes minha mulher!... adeus!... adeus!...

— Deus vos guarda senhor! murmurou Marouin. Ainda por algum tempo pôde Marouin, graças a branca vella que se desenhava na sombra seguir com os olhos a lancha que se afastava rapidamente, até que á final desapareceu; ainda se demorou algum tempo sobre a praia, posto que não visse mais nada: até que um crito enfranquei'o pela distancia chegou ao seu ouvido: era o uitiêno adeus de Murat á França.

Quando Marouin me contou uma tarde, no mesmo lugar onde isto se passára, os pormenores que deixo descriptos, tinha-os elle tão presentes, e apesar de terem já decorrido vinte annos, que se recordava mesmo dos mais pequenos accidentes deste embarque nocturno. Affiançou me que naquelle momento fôra assaltado por um presentimento de infortunio tão vehemente, que quasi o não deixava apartar se do ponto do embarque, e lhe excitava fortes desejos de tornar a chamar o rei para terra; mas que, á similhaça de um homem que está sonhando, sua bocca se abria sem deixar esca-

par um som, que chegára mesmo a desconfiar da sua resão, receando estar louco, e que só á uma hora da manhã, duas horas e meia depois da partida do rei, é que chegára a casa com o coração opprimido por uma tristeza mortal.

Os aventureiros navegadores iam sulcando os mares de Toulon para Bastia, ao principio parecia ao rei que os factos desmentiam a predicção dos marítimos; o vento, longe de augmentar, abrandava pouco a pouco, e duas horas depois da partida a barca se equilibrava sem avançar nem recuar sobre as vagas que de minuto a minuto se iam aplanando. Murat observava tristemente que desapareciam neste mar onde se via preso, os phosphorescentes sulcos que a pequena embarcação deixava antes atraz de si: tinha-se revestido de coragem contra a tempestade, mas não de paciencia contra a calmaria; e sem mesmo interromper seus companheiros de viagem, cuja inquietação observava com desprezo, deitou-se no chão a um canto do barco, embrulhou-se no capote, e fechando os olhos como que dormia, entregou-se ás suas cogitações, mais tumultuosas e agitadas do que as ondas do mar. Então os dois marinheiros, julgando-o a dormir, reuniram-se ao piloto, e sentando-se junto ao leme, pozeram-se a deliberar.

— Cometestes uma indiscripção Langlade, diz Donadieu, em tomar este barco, por que eu devia ser maior ou mais pequeno: sem cobertura, não podemos resistir á tempestade, e sem remos, não podemos avançar em calmaria.

— Valha-te Deus! eu não tive por onde escolher: era forçoso tomar o que encontrasse, e se não fosse agora o tempo da pesca do stum, nem mesmo teria encontrado esta reles canôa, ou me seria necessario ir busca-la ao porto, onde a vigilancia é tal, que teria entrado bem, mas talvez não custasse a sair.

— E' ella ao menos solida.

— Pelo amor de Deus! tu bem sabes o que são taboas e pregos que estão de molho ha dez annos em agua salgada. Em occsiões ordinarias não a quereria eu para ir de Marselha ao castello d'If,

mas em circumstancias como as nossas eu faria a volta do mundo n'uma casa de noz.

— Chiton! diz Donadieu.

Os marinheiros escutaram: ouvia-se um estrondo muito ao longe, mas tão de minuto, que só podia ser distinguido pelo ouvido experiente de um homem de mar.

— Sim, sim, diz Langlade, é uma advertencia para aquelles que tem pennas azas se recolherem immediatamente a ninho que não deviam ter abandonado.

— Estamos ainda longe das ilhas? diz Donadieu, com vehemencia.

— Pcuco mais ou menos, a uma legua de distancia.

— Mettei cabo sobre ellas.

— E para que? diz Murat, levantando-se de repente.

— I ara lá chegarmos, senhor, se podermos.

— Não, não! grita Murat, eu não quero pôr pé em terra se não na Corsega além disso o trar está em calmaria, ali vem outra vez o vento.

— Tudo abaixo! grita Donadieu. Immediatamente Langlade e Blancard executam a manobra: a vela escorrega pelo mastro abaixo e se abate no fundo do barco.

— Que fazeis? grita Murat, esqueceis-vos de que eu sou rei e como tal posso mandar?

— Senhor, diz Donadieu, ha um rei mais poderoso do que vós, é Deus, e ha uma voz mais forte do que a vossa, é a da tempestade: deixai-nos salvar vossa magestade, se for possivel, e não façais nenhuma outra exigencia...

Neste momento um relampago atravessou o horisonte, ouviu-se um trovão mais proximo que o primeiro, uma ligeira espuma appareceu á superficie da água, e o barco tremeu como sobre um vulcão. Murat chegou a comprehender o perigo e então pondo-se de pé, sorrindo, lançou para traz o seu capote, sacudiu os longos cabellos, e aspirou a tempestade como aspirava o fumo, o soldado estava prompto para o combate.

— Senhor, diz Donadieu, vós tendes assistido á muitas batalhas, mas talvez nunca visseis uma tempestade: se tendes

curiosidade de presenciar este espectáculo, segurai-vos ao mastro e observai por que ahí se nos apresenta uma.

— Que é necessario fazer? diz Murat; não poderei ajudar-vos em alguma coisa?

— Por em quanto em nada, senhor: mais tarde vos empregaremos em dar á bomba...

Durante este dialogo, a tempestade augmentava, parecia correr sobre os viajantes como um cavallo á desfillada, soprando o vento e o fogo por suas ventas; os trovões rebombavam, e a espuma das vagas como que voava por baixo de seus pes. Donadieu apertou o leme; o barco cedeu, como que comprehendendo a necessidade de prompta obediencia, e apresentou a popa ao embate do vento; então a borrasca passou, deixando atraz de si o mar tremulo, e tudo dava mostras de entrar em repouso. Illusão! a tempestade tomava folego.

— Estaremos livres da tormenta? diz Murat.

— Não, senhor, respondeu Donadieu, isto foi apenas a guarda avançada; antes de meia hora chegará o corpo do exercito.

— E não faremos alguns preparativos para a sua recepção? diz Murat, graciosamente.

— E quaes! diz Donadieu. Nós não temos um palmo de pano em que o vento possa morder, e uma vez que o barco não faça agoa, fluctuaremos como uma rolha de cortiça. Segurai-vos bem, senhor!...

Com effeito, uma segunda borrasca vinha correndo, mais rapida que a primeira, acompanhada de chuva e de relampagos. Donadieu tentou repetir a mesma manobra, mas não pode virar tão velozmente, que o vento não involvesse a barca; o mastro curvou-se como uma cana, e uma onda entrou dentro da embarcação.

A's bombas, gritou Donadieu. Senhor está chegado o momento de ajudar-nos... Blancard, Langlade e Murat pegaram nos seus chapeos e com elles despejaram a barca. A situação destes quatro homens era horrivel: ella durou perto de tres horas. Ao anoitecer, o vento abrandou;

todavia o mar ficou aspero e empolado. A precisão de comer começava a sentir-se; todas as provisões se tinham molhado em consequencia do temporal, e só o vinho ficou livre. O rei pegou n'uma garrafa e bebeu em primeiro logar alguns goles, depois passou-a a seus companheiros que tambem beberam; a necessidade dispensava a etiqueta. Langlade por acaso trazia consigo alguns páos de chocolate que offereceu ao rei. Murat dividiu em quatro partes iguaes e obrigou seus companheiros a come-lo, depois, acabada a refeição, approaram para a Corsega, mas a barca tinha soffido por tal maneira, que não havia probabilidade de aportar a Bastia.

O dia passou-se todo sem que os viajantes podessem avançar mais de dez leguas; navegavam com o velacho, não ousando largar a vella grande; e o vento era tão variavel, que se perdia tempo em combater seus caprichos. A' noite começou a entrar agua por entre as taboas desunidas, mas os lençoes da equipagem foram sufficientes para tapar os buracos, e a noite que vinha triste e sombria os envolveu pela segunda vez no seu negro manto. Murat, summamente fatigado, adormeceu. Blancard e Langlade tomaram logar junto a Donadieu, e estes tres homens que pareciam insensíveis ao somno e ás fadigas velavam pela tranquillidade do rei.

A noite parecia, assás tranquilla, mas ouvia-se de quando em quando um ruido surdo. Então os tres marinheiros se observavam com uma expressão extranha, e olhando depois para o rei que dormia no fundo do barco, no seu capote ensopado em agua do mar, tão profundamente como dormia nas areias do Egypto e nas neves da Russia: um delles então se levanta, dirige-se á proa assobiando por entre dentes o estylo de uma cantiga provençal., depois examinou os astros, as ondas, e a barca, voltou junto dos companheiros e tornou se a sentar mormurando: — É impossivel; só por milagre poderemos chegar ao nosso destino. A noite passou-se nestas cruéis alternativas. Ao amanhecer avistou-se um navio: uma vela! gritou Donadieu, uma vela! — A este

grito acordou o rei. Com effeito, avistava-se um pequeno brigue mercante, vinha da Corsega e fazia viagem para Toulon. Donadien aproou para elle, Blancard içou as velas, e Langlade correu á proa levantando a capa do rei na ponta de uma especie de croque. Bem depressa os viajantes conheceram ter sido avistados; o brigue manobrou para se aproximar delles, e no fim de dez minutos estavam a cincoenta passos. O capitão appareceu no castello de proa. O rei dirigindo-se então a elle, offereceu-lhe boa recompensa se o quizesse receber a seu bordo com seus tres companheiros, e conduzi-los á Corsega. O capitão ouviu muito bem esta proposta, e voltando-se immediatamente para a equipagem, deu a meia voz uma ordem que Donadien não pôde ouvir, mas que provavelmente, pelo gesto, comprehendeu, por que logo commandou a Langlade e Blancard uma manobra que tinha por fim afastar-se do navio: estes obedeceram com a promptidão passiva de marinheiros; mas o rei, batendo o pé, gritou:

— Que fazeis, Donatien? que fazeis? Não vedes que se dirigem para nós?

— Sim, senhor, bem vejo... obedeci, Langlade! álerça, Blancard! Sim, vem sobre nós, e talvez já bem tarde eno conhecêsse. Bem, muito bem; agora eu.

Curvando-se então sobre o leme, deu-lhe um movimento tão repentino, e violento, que a barca, obrigada a mudar immediatamente de direcção, pareceu querer reagir como um cavallo contra o freio; mas obedeceu enfim. Uma vaga enorme levantada pelo gigante que vinha sobre ella; levou-a consigo como uma folha, e o brigue passou a curtíssima distancia da popa.

— Ah! traidor! exclamou o rei, que só então conhecêra a intenção do capitão, e tirando ao mesmo tempo uma pistola do cinto, gritou:

— A! a bordagem! á a bordagem! e se dispoz a fazer fogo sobre o brigue, mas as escorvas moihadas não arderam; o rei estava furioso e não cessava de gritar: á a bordagem, a bordagem!

— Sim, sim, o miseravel imbecil, diz

Donadien, julgou que eramos piratas, quiz metter-nos a pique, como se pa isso fora mister o seu auxilio.

Com effeito, olhando para a barca que se achava a pique, o rei não pôde saber se o brigue era conhecido, mas como a barca não se movia, e a tentativa de salvação que Donadien tinha arriscado a tinha cançado pantosamente, e o mar entrava por muitas das suas jantas: foi necessario começarem a esgota-la com os chapeos, este trabalho durou dez horas. Em fim pela segunda vez fez Donadien ouvir o grito salvador: — Uma vela! uma vela!... O rei e seus dois companheiros abandonaram logo o seu trabalho: içaram-se novamente as velas, metteram a proa para o navio que avançava, e deixando de esgotar a agua, esta, não achando obstaculo, crescia rapidamente. A que tanto era de tempo, de minutos, de segundos, era necessario chegar ao navio antes de ir a pique. O navio conhecido a posição desesperada dos que imploravam o seu soccorro, vinha a todo o parno; Langlade foi o primeiro que o reconheceu, era um navio de pequeno porte que fazia o serviço de correio entre Toulon e Bastia. Langlade que era amigo do capitão, o chamou pelo seu nome com a poderosa voz da agonia, e foi ouvido. Era tempo, a agua crescia e já chegava aos olhos do rei e seus companheiros, a barca gemia como um muribundo: já não navegava e começava a andar á roda. Neste momento dois ou tres cabos lançados do navio cahiram na barca; o rei se agarrou a um e por elle marinhou; estava salvo. Blancard e Langlade seguiram o seu exemplo; o ultimo foi Donadien como era do seu dever, e no momento em que punha o pé na escada do navio sentio a barca saltar-lhe debaixo do outro pé; e com a tranquillidade de um marinheiro, viu o abysmo abrir debaixo delle sua grande bocca, e logo a barca devorada redemoinhar e desapparecer. Cinco segundos mais, e teriam perecido estes quatro homens que agora estavam salvos.

Murat saltou no convex, um homem veio lançar-se-lhe aos pés, era um meluco que elle havia trazido do Egypto.

que depois cazou em Castellamare; os ocios commerciaes o chamavam a Marelha, aonde por milagre escapou á manha de seus irmãos; apezar do disfarce, e das fadigas que acabava de soffrer, elle reconheceu seu antigo senhor. Suas exclamações d'alegria impediram o rei de guardar por mais tempo o incognito: então o senhor Cazabianca, o capitão Oletta, um sobrinho do principe Baciocchi, e um commissario chamado Boerco que tambem fugiam aos assassinos do Meio Dia e se achavam a bordo o cumprimentaram dando-lhe o tratamento de magestade e lhe improvisaram uma pequena corte: a mudança era rapida e operava uma completa transformação: já não era Murat o proscripto, era Joaquim I, rei de Napoles.

Com a barca desapareceu a terra do desterro: em seu lugar Napoles, e o seu magnifico golpho appareceram no horizonte como um reflexo maravilhoso: e sem duvida a primeira idéa da fatal expedição da Calabria nasceu daquelles dias de enthusiasmo, que seguiram as horas da agonía. Comtudo o rei, ignorando ainda como seria recebido na Corsega, tomou o nome de conde de Campo-Melle, e com elle desembarcou em Bastia a 25 de agosto.

Mas esta precaução foi inutil: tres dias depois da chegada ninguem ignorava a sua presença nesta cidade. Seguiram-se alguns ajuntamentos, e os gritos de « Viva Joaquim » se fizeram ouvir: o rei, receando perturbar a tranquillidade publica, sabio nessa mesma noite de Bastia com seus tres companheiros e o seu mameluco. Duas horas depois entrava em Viscovato, batia á porta do general Franceschetti, que tinha estado ao seu serviço, durante todo o tempo de seu reinado, e que, tendo abandonado Napoles ao mesmo tempo que o rei, tinha regressado á Corsega, e habitava com sua mulher a casa do senhor Colona di Caldi, seu padrastrô. Estava passeando, quando lhe vieram dizer, que um estrangeiro pretendia fallar-lhe: sahio e encontrou Murat embuçado em um capote militar, a cabeça escondida n'um bonet de marinheiro,

a barba crecida, vestindo uma calça com polainas, e sapatos de soldados; Murat fixou nelle seus grandes olhos negros; depois cruzando os braços, disse:

— Franceschetti, tendes á vossa meza lugar para o vosso general, que tem fome? Tendes sob vosso tecto abrigo para o rei proscripto? ... Franceschetti deu um grito de surpresa reconhecendo Joaquim, e não podendo responder-lhe, deitou-se a seus pés, beijando-lhe a mão. Desde este momento a casa do general ficou á disposição de Murat. Apenas a noticia da chegada do rei se espalhou nos arredores, correram a Viscovato officiaes de todas as patentes, veteranos que tinham combatido ás suas ordens, e caçadores corsos, a quem o seu character aventureiro seduzia; em poucos dias a casa do general se transformou em palacio, a aldeia em residencia real, e a ilha em reino. Estranhos boatos circulavam acerca das instrucções de Murat; uma força de novecentos homens contribuia para lhes dar algum peso. Foi então que Blancard, Langlade, e Donadien se despediram d'elle; Murat quiz retel-os; elles porém, responderam que se tinham dedicado á salvação do proscripto, e não á sorte do rei.

Dissemos que Murat tinha encontrado a bordo um dos seus antigos mamelucos chamado Othello, e que este o seguira para Viscovato: o ex-rei de Napoles lembrou-se de fazer des'te homem seu agente. Relações de familia o chamavam naturalmente para Castellamare; portanto ordenou-lhe para alli voltar, encarregando-o de cartas para as pessoas em quem mais confiava. Othello partio, chegou felizmente a casa de seu sogro, a quem julgou poder communicar tudo: mas este atemorizado, prevenio a policia, deu-se uma busca noturna em casa de Othello, e a correspondencia foi apañada.

No dia seguinte foram presas todas as pessoas a quem eram dirigidas as cartas, e se lhes ordenou que respondessem como se estivessem livres, e indicassem Salerno como o lugar mais proprio para o desembarque: de sete, cinco tiveram a cobardia de obedecer, os outros que eram

dois irmãos hespanhoes recusaram formalmente; em consequencia do que foram lançados n'um carcere.

No entretanto, a 17 de Setembro. Murat deixou Viscovato; o general Franceschetti, e muitos outros officiaes corsos lhe serviram de escolta; dirigio-se para Ajaccio por Cotona, nas montanhas de Serva, e Bosco, Venaco, Visvaro, nas florestas de Vezzaseoro e Bagognone, em toda a parte foi recebido e festejado como rei, e á porta de muitas cidades foi recebido por deputações, que em seus discursos o cumprimentaram com o titulo de magestade; em fim a 22 de Setembro chegou a Ajaccio. Era esperado fóra da cidade por toda a população; a sua entrada foi um triumpho, foi conduzido á hospedaria, que lhe tinham destinado, isto era bastante para exaltar a cabeça, mesmo de um outro menos impressionavel que Murat, elle estava completamente enthusasmado de alegria, e estendendo a mão a Franceschetti, disse-lhe:

— Vede a maneira porque os corsos me recebem, o que fariam os napolitanos?

— Era a primeira palavra que soltára sobre seus futuros projectos, e neste mesmo dia ordenou tudo para a sua partida.

Arranjaram-se dez pequenas embarcações, um maltez chamado Barbara antigo capitão de fragata da marinha napolitana, foi nomeado chefe da expedição; duzentos e cincoenta homens se alistaram e receberam ordem de estarem promptos para partir á primeira ordem. Murat só esperava pelas respostas ás cartas, que entregára a Othelio; estas chegaram na madrugada do dia 28: Murat convidou todos os officiaes para jantar, e fez distribuir pret e ração dobrada á sua tropa.

O rei estava acabando de jantar quando lhe vieram annunciar a chegada do senhor Maceroni, enviado das potencias estrangeiras, que trazia a Murat a resposta que este tanto tempo esperara em Toulon. Murat levantou-se da mesa e passou para um outro quarto aonde o senhor Maceroni se deu a conhecer como

encarregado de uma missão official, e lhe entregou o ultimatum do imperador d'Austria, concedido nestes termos.

« O senhor Maceroni é auctorizado pelas presentes para prevenir o rei Joaquim da qua sua magestade o imperador d'Austria lhe concedera um asylo nos seus estados, debaixo das seguintes condições: — 1.º O rei usará de um apelido particular. A rainha tendo já adoptado o de Lipano, propõe-se ao rei que use do mesmo. — 2.º Será permittido ao rei fixar a sua residencia em qualquer cidade de Bohemia, Moravia, ou na Alta-Austria. Poderá mesmo sem inconveniente escolher um campo nestas provincias. — 3.º O rei comprometerá a sua palavra de honra para com sua magestade imperial e real, de já mais abandonar os estados austriacos, sem expresso consentimento do imperador, e que viverá como um particular de distincção sujeito ás leis em vigor nos estados austriacos.

« Em fé do que, e para os fins convenientes, o abaixo assignado recebeu ordem do imperador para assignar as presentes declarações. Dado em Paris no 1.º de Setembro de 1815. — Assignado o principe de Metternich. »

Acabada esta leitura, Murat surriando-se, fez signal a Maceroni, e conduzi-o a um terrasso que dominava toda a cidade, e em que tremulava o seu pavilhão, como em uma residencia real. D'alli se podia avistar Ajaccio toda alegre e illuminada, o porto em que se balançava a pequena flotilha, e as ruas apinhadas de povo como em dias de festa. Apenas a multidão reconheceu Murat, que um mesmo grito partiu de todas as bocas! — Viva Joaquim! Viva o irmão de Napoleão! Viva o rei de Napoles! Murat cumprimentou, e os vivas redobram, a musica tocou os hymnos nacionaes, Maceroni não podia crer o que via e ouvia. O rei, tendo gozado da sua admiração, convidou o a descer ao salão. O seu estado maior alli se achava reunido, de grande uniforme, parecia estar-se em Carsete ou Capodimonte. Emfim depois de um momento de hesitação, Maceroni aproximou-se a Murat, e lhe disse: — Sa-

nhor, que resposta deverei levar a sua magestade o imperador d'Austria.

Contareis a meu irmão Francisco tudo quanto vistes e ouvistes, respondeu Murat, com aquella dignidade e altivez que tambem dizia com a sua bella figura; e accrescentarei mais, que esta mesma noite parto a reconquistar o meu reino de Napoles.

III.

O PIZZO.

As cartas que resolveram Murat a deixar a Corsega lhe tinham sido trazidas por um calabrez chamado Luidgi. Este se apresentou ao rei como enviado por Othello, que fôra preso em Napoles, com as pessoas a quem eram dirigidos os despachos, de que era portador. Estas cartas tinham sido escriptas pelo ministro da policia de Napoles e indicavam a Joaquim o porto da cidade de Salerno, como o mais proprio para o desembarque, porque neste ponto tinha o rei Fernando rennido tres mil homens de tropas austriacas, receando confiar-se nos soldados napolitanos que estimavam muito a Murat. Foi pois para o golpho de Salerno, que a flotilha se dirigio; nas defronte da ilha de Capria, foiam assaltados por uma forte tormenta que os acossou até Paola, pequeno porto a dez legoas de Cosenza. Os navios passaram portanto a noite de 5 para 6 n'uma especie de enxada. O rei para evitar toda a suspeita dos guarda-costas e scridorri (embarcações ligeiras, armadas em guerra) sicilianos, ordenou que se apagassem os fogos, e se pozessem á capa até ao amanhecer; mas pela uma hora da manhã levantou-se um vento tão forte da terra, que a expedição foi repelida para o alto mar, de modo que na alvorada do dia 6 achou-se só o navio que conduzia o rei. Encontrando porém de manhã o navio do capitão Cicconi, as duas embarcações lançaram ferro ás quatro horas da tarde em frente de San-Lucido. A' noite o rei ordenou ao chefe do batalhão Ottoviani que desembarcasse e fosse a terra colher novas: Luidgi offereceu-se para o

acompanhar, e o rei accitou os seus serviços. Em quanto que Ottoviani e o seu guia iam a terra, Cicconi levantava ferro com a missão de procurar o resto da frota.

Pelas onze horas da noite o commandante de quarto no navio do rei destinguio no meio das ondas um homem que nadava para o navio. Quando chegou a distancia de poder ouvir, o commandante lhe gritou, o nadador deu-se a conhecer, era Luidgi: deitou-se o escalero ao mar, e foi recebido a bordo. Então este contou que o chefe do batalhão Ottoviani fôra preso, e que elle se podera escapar deitando-se ao mar. O primeiro movimento de Murat foi ir em soccorro de Ottoviani, porém Luidgi fez ver ao rei a inutilidade e perigo desta tentativa: comtudo Joaquim ficou irresoluto até ás duas horas da madrugada, e finalmente deu ordem para se fazerem ao largo, em quanto se executava a manobra, um marinheiro cahio ao mar e se afogou, sem que se lhe pudesse valer. Decididamente os presagios eram sinistros.

No dia 7 pela manhã avistaram-se duas velas. O rei mandou immediatamente pôr tudo em estado de se defenderem; mas Barbara bem depressa reconheceu serem navios do commando de Ciccone e Courand que navegavam de conserva, e tendo-se içado os signaes, estes se reuniram ao almirante.

Em quanto se deliberava sobre qual seria a direcção que se devia tomar, um escalero conduzindo o capitão Persuce e um tenente ás suas ordens, veio atracar á embarcação de Murat. Vinham estes pedir ao rei lhes concedesse passarem para seu bordo não querendo estar com Courand, pois estavam convencidos que o atraigoava. Murat o mandou chamar, e apesar dos seus protestos de fidelidade, o fez embarcar com cincoenta homens n'uma lancha que mandou amarrar ao seu navio. Esta ordem foi logo executada, e a pequena esquadra continuou a sua derrota, costeando sempre e sem nunca perder de vista a Calabria; mas ás dez horas da noite, na altura do golpho de Santa Eufemia, o capitão Cou-

rand cortou o cabo que o rebocava, e affastou-se da flotilha á força de remos. Murat tinha-se deitado vestido: quando o preveniram deste acontecimento subio ao convex e ainda pôde distinguir a lancha, que fugia na direcção da Corsega. Ficou immovel sem colera e sem gritar: apenas deixando penfer a fronte para o peito, soltou um suspiro: era mais uma folha que murchava na arvore encantada de suas esperanças.

O general Francescheli aproveitou esta occasião de desalento para lhe aconselhar que em vez de desembarcarem na Calabria, se dirigissem directamente para Trieste, a fim de reclamar da Austria o asylo que esta lhe offerecera. O rei estava n'um destes momentos de extremo cansaço e abatimento moral, em que o coração se concentra: regeitou a principio, mas acabou por aceitar o conselho.

Neste momento o general apercebeu-se que um marinheiro deitado sobre alguns cabos podia escutar o que elle dizia, por isso calou-se e com o dedo o mostrou a Murat. Este levantou-se e foi ver, e reconheceu Luidgi: acabrunhado de fadiga, tinha adormecido sobre o convex; a franqueza de seu dormir socegou o rei que além disso confiava cegamente nelle. A conversa por um momento interrompida continuou, e combinou-se, que sem dar parte dos novos planos, dobrariam o cabo de Spartivento, e encurariam ao Adriatico; depois o rei e o general desceram para o porão. No dia seguinte, 8 de Outubro, estavam na altura do Pizzo, quando Joaquim interrogado por Barbara sobre o que convinha fazer, ordenou que mettessem a prôa para Messina; Barbara respondeu que estava prompto para obedecer, mas que carecia d'agua e mantimentos, por isso offerecia-se para ir a terra no navio de Cicconi renovar as provisões: o rei aceitou; mas Barbara pediu então os passaportes que tinha recebido de potencias alliadas, a fim, dizia elle, de não ser incommodado pelas auctoridades locais. Eram estes documentos muito importantes para que Murat consentisse em largal-os; e talvez por que o rei começava a ter alguma sus-

peita; portanto recusou; Barbara insistiu; ordenou-lhe Murat que fosse a terra sem estes papeis, Barbara recusou positivamente; o rei acostumado a ser obedecido, levantou o seu chicote sobre o maltez, mas mudando repentinamente de resolução, ordenou aos soldados que preparassem suas armas e aos officiaes que vestissem seu grande uniforme, sendo elle o primeiro a dar o exemplo; o desembarque estava pois determinado, e o Pizzo devia ser o golpho Yuan do novo Napoleão. Consequentemente as embarcações se dirigiram para a terra. O rei desceu para uma lancha com vinte e oito soldados e tres creados, em que entrava Luidgi. Chegados junto da praia, o general Franceschetti fez um movimento para saltar em terra, porém Murat o reteve, dizendo-lhe: « a mim compete o saltar primeiro » e desembarcou na praia. Trajava um uniforme de general com calções brancos e botas de canhão, duas pistolas no cinto, o chapeo agalado de ouro com o laço preso por uma presilha com brilhantes; levava finalmente debaixo do braço a bandeira, em volta da qual contava juntar os seus partidarios. Batiam as dez horas no relógio do Pizzo.

Murat encaminhou-se para a cidade de que apenas distava cem passos; pelo caminho que para alli conduzia calçado de grandes lages dispostas em fórma de escada. Era um domingo; ia-se começar a missa e toda a população estava reunida na praça quando elle chegou. Ninguém o reconheceu, e todos se admiravam de vêr um tão brilhante estado maior, Murat conheceu entre os camponezes um que tinha sido sargento da sua guarda de Napoles. Foi direito a elle e batendo-lhe no hombro lhe disse: « Favilla! não me reconheces! » mas como este não respondesse, accrescentou « sou Joaquim Murat; sou o teu rei, a ti a honra de primeiro gritar « viva Joaquim » e seguido de Murat immediatamente fez retenir o ar com suas acclamações; mas os calabrezes ficaram silenciosos, e nem um só repetio o viva de que o rei tinha dado o exemplo, pelo contrario um surdo borborinho corria pela multidão. Murat

conheceu a tempestade que se aproximava. Pois be-lhe disse, já que não queres gritar «viva Joaquim» vai buscar-me um cavallo, e de sargento que eras te farei capitão. Favilha se affastou sem responder; mas em vez de cumprir a ordem que recebera, metteu-se em casa e não tornou a apparecer. No entretanto a multidão crescia, sem que nenhuma demonstração amigavel significasse a sympathia que Murat esperava. Vendo que estava perdido, se nao tomasse uma resolução repentina, gritou para Montelone, dirigindo-se para o caminho que conduzia a esta cidade: «para Montelone» repetiram, seguindo-o seus officiaes e soldados. É a multidão, sempre silenciosa, abriu caminho para os deixar passar.

Mas apenas desapareceu da praça, uma viva agitação se manifestou. Um homem chamado Jorge Pellegrino sahio de sua casa armado de uma espingarda correndo e gritando: «às armas.» Elle sabia que o capitão Trenta Capeli commandava a guarda de Coenza se achava no Pizzo e ia preveni-lo. O grito às armas achou mais echo que o de viva Joaquim: todo o calabrez tem uma espingarda, cada um correu a buscar a sua, e quando Trenta Capeli e Pellegrino voltaram á praça, encontraram mais de duzentos homens armados. Puzeram-se á sua frente e perseguiram o rei; encontraram-no a dez minutos de marcha da praça, no lugar em que está hoje a ponte. Murat, vendo-os, parou. Trenta Capeli se adiantou entao com a espada em punho para o rei. — Quereis, lhe diz este, trocar vossas iragonas de capitão pelas de general? grita «viva Joaquim» e segui-me com esses bravos homens para Montelone. — Senhor, respondeu Trenta Capeli, somos todos subditos fieis do rei Fernando, e viemos para vos combater, e não para vos acompanhar; rendei-vos pois, se quereis evitar a effusão de sangue.

Murat olhou para o capitão com uma expressao impossivel de descrever-se, fez-lhe signal com uma das mãos para que se affastasse em quanto que levava a outra á coronha de uma de suas pistolas

Jorge Pellegrino vio este movimento. — A toda a trida! gritou elle. O capitão obedeceu, nesta occasião uma balla passou assobiando por cima de sua cabeça e roçou no cabello de Murat. — Fogo! mandou Franceschetti. — Baixai as armas! gritou Murat, e sacudindo seu lenço com a mão direita, fez um passo avançando para os camponezes: mas no mesmo instante houve uma descarga geral: um official e dois soldados cahiram. Em taes circumstancias, quando o sangue começa a correr, não para; Murat sabia esta fatal verdade, por isso seu partido foi rapido e decisivo.

Havia na sua frente quinhentos homens armados, e na sua retaguarda um grande precipicio de trinta pés d'altura: lançou-se do rochedo a rive em que se achava, cahio na areia e levantou-se sem estar ferido: o general Franceschetti e o seu ajudante fizeram o mesmo salto com igual felicidade, e todos tres se dirigiram rapidamente para o mar átravez de um pequeno bosque, que se estendia em passos pela praia, e que os escondeu por um momento á vista de seus inimigos. A' sahida do bosque uma nova descarga os recebeu, as ballas assobiaram em redor e por cima d'elles, mas não feriram nenhum.

Só então é que o rei notou que a lancha que o trouxera tinha tornado a partir. Os tres navios que compunham a sua flotilha, em vez de terem ficado para proteger o sem desembarque, se tinham affastado para longe da praia e fugiam já a todo o panno. O maltez Barbara levava não só a fortuna de Murat, mas ainda a sua vida e salvação: parecia incrível tanta traição. Por isso o rei julgou ver nisto uma simples manobra, e vendo na praia uma barca sobre a qual os pescadores tinham estendido uma rede, gritou a seus dois companheiros: — A barca ao mar! Começaram então todos a empurrar-a para o mar com a energia do desespero, com as forças da agonia. Ninguém se atreveu a saltar o rochedo para os perseguir: seus inimigos obrigados a fazer um rodeio, deixaram-lhe alguns instantes de liberdade.

Mas bem depressa se ouviram gritos. Jorge Pellegrino, e Trenta Capelli, seguido de toda a população do Pizzo, desembocou a cincoenta passos do lugar em que Marat, Franceschetti e Campana procuraram debalde fazer escorregar a barca sobre a areia. Aos gritos seguiu-se immediatamente uma descarga geral: Campana cahio, com o peito atravessado por uma balla. Comtudo a barca estava a nado, o general Franceschetti saltou para dentro, Murat quiz segui-lo, porém não reparando que tinha as esporas embaraçadas nas malhas da rede, achou-se preso, e a barca cedendo ao impulso que lhe dera quando ia para querer embarcar escapou-lhe, e o rei cahio com o rosto para dentro do mar e os pés na praia. Antes que tivesse tempo de levantar-se, toda a população cahio sobre elle, arrancam-lhe suas dragonas, bandeira e farda, e o teriam feito em pedaços, se Jorge Pellegrino e Trenta Capelli o não tomassem sob sua protecção, dando-lhe o braço cada um de seu lado para o defenderem por seu turno contra a população: e assim atravessou prisioneiro, a praça em que uma hora antes se apresentara como rei. Seus conductores o levaram para o castello; foi empurrado para a prisão commum, fecharam sobre elle a porta, e o rei achou-se no meio de ladrões e assassinos, que ignorando que elle era, o receberam com injurias e algazarra. Um quarto de hora depois, a porta da prisão se tornou a abrir, o commandante Maltei entrou: achou Murat em p. com os braços cruzados sobre o peito, e a cabeça levantada altiva e orgulhosa.

Havia uma expressão de indefinivel grandeza neste homem quasi nu com o rosto cheio de lama e sangue; inclinou-se perante elle. — Commandante, lhe disse Marat, conhecendo a patente pelas dragonas, é esta uma prisão para um rei!

Então aconteceu uma coisa estranha. Aquelles criminosos que julgando Murat seu igual o tinham acolhido com risos e vociferações, curvaram-se ante a magestade real que não souberam respeitar. Pellegrino e Trenta Capelli, e retiraram-

se silenciosos para o fundo do carcere. A desgraça acabava de dar uma nova sagração a Joaquim.

O commandante Maltei murmurou algumas desculpas e convidou Murat a segui-lo para um quarto que acabava de lhe fazer preparar; mas antes de sahir Murat procurou na algibeira e tirou um punhado de oiro, e deixando-o cahir como chuva no meio do carcere, disse, virando-se para os presos: — Tomai: não se diga que recebestes a visita de um rei, ainda que captivo e desthronad, sem que vos mostrasse a sua munificencia. — Viva Joaquim! gritaram todos os presos.

Murat surriio amargamente. Estas mesmas palavras havia uma hora repetidas por igual numero de vozes na praça publica, em vez de retenirem nas abobedas de um carcere, (al-o-hiam rei de Napolles! Os resultados mais importantes são algumas vezes effeitos de cousas tão pequenos, que parece que Deus e satanaz jogasse aos dados a vida ou a morte dos homens, a elevação ou a queda dos imperios.

Murat seguiu o commandante Maltei. elle o conduzio a um quarto que pertencia ao porteiro, e que este cedia ao rei. Ia retirar-se quando Murat o tornou a chamar. — Sr. commandante, lhe disse, dejeio um banho perfumado. — Sr. a coisa é difficil. — Aqui tendes cincoenta ducados: comprem toda a agoa de Colonia que encontrarem. Ah! mandai-me alfaiaes. — Será impossivel encontrarem aqui homens de fazerem outra coisa que não seja vestuario dos camponezes: — vão a Monteleone, e tragam-me todos os que poderem reunir.

O commandante inclinou-se e sahiu. Murat estava no banho quando lhe annunciaram a visita do cavalheiro Alcalá, general do principe do Infantado, e governador da cidade. Fazia trazer coberturas de damasco, e poltronas. Murat foi sensivel a esta attenção, e tomou nova serenidade.

A's duas horas do mesmo dia, chegou o general Nunzianti de Saint Tropea com tres mil homens. Murat tornou a ver com prazer um antigo conhecimento, mas é

primeira palavra o rei conheceu que estava diante de um juiz, e que a sua presença tinha por fim não uma simples visita mas um interrogatorio em forma. Murat apenas respondeu que ia da Corsega para Trieste com passaporte do imperador d'Austria, quando uma tempestade e a falta de viveres o obrigaram a arribar ao Pizzo. A todas as outras perguntas Murat oppoz um silencio obstinado, até que cansado com tantas instancias, disse: — general, podois emprestar me fato para eu sair do banho? O general comprehendeu que não tinha mais que esperar, comprimontou o rei e sahio. Dez minutos depois Murat recebeu um uniforme completo; elle o vestio immediatamente, pediu pena e tinta, escreveu ao general das tropas austriacas em Napoles, ao embaxador d'Inglaterra, e a sua mulher, para os informar da sua prisão no Pizzo. — Acabados estes despachos, levantou-se e andou algum tempo agitado pelo quarto, depois sentindo a necessidade de ar, abriu a janella.

A vista so estendia pela mesma praia e n'que fora preso.

Dois homens abriam uma cova na areia junto do pequeno redacto redondo. Quando acabaram, foram a uma casa visinha e pouco depois sahiram trazendo em braços um cadaver. O rei procurou recordar-se, pareceu-lhe que com effeito no meio desta terrivel scena tinha visto cahir alguém junto delle; mas já se não lembrava quem fora. O cadaver estava completamente nú; mas pelos seus longos cabellos negros, e pelo juvenil das formas o rei facilmente reconheceu Campana aquelle de seus ajudantes de campo que mais amava. Esta scena vista ao crepusculo e da janella de uma prisão, na solidão, nesta praia, e na areia, como-veram Murat mais que os seus proprios infortunios.

Grossas lagrimas lhe borbulhavam nos olhos e corriam silenciosamente pelas faces do leão. Neste momento o general Nunzianti tornou a entrar e o surprehedia com os braços estendidos e o rosto banhado em pranto. Murat ouvindo bulha

voltou-se e vendo o espanto do velho soldado, disse-lhe:

Sim, general, sim choro. Choro por esta creanga de vinte e quatro annos, que sua familia me confiou, e a quem causei a morte; choro vendo um futuro tão rico e brilhante desapparecer n'uma cova ignorada, n'uma terra inimiga, e n'uma praia hostil.

Oh Campana! Campana! se algum dia eu subir ao throno, far te-hei levantar um tumulo real.

O general tinha feito preparar um jantar no quarto contiguo ao que servia de prisão ao rei; Murat o acompanhou para alli, sentou-se á meza, porém não pôde comer. O espectáculo a que acabava de assistir lhe tinha magoado o coração; e comtudo tinha este homem percorrido sem carregar o sobrolho os campos de batalha d'Aboukir, Eylau, e Moscovia!

Depois de jantar Murat voltou para o seu quarto, entregou ao general as diferentes cartas que tinha escripto, e lhe pediu que o deixasse só. O general sahio. Murat fez varias vezes a volta do seu quarto passeando de vez em quando diante da janella, porém sem abrir. Em fim pareceu vencer a sua repugnancia, levou a mão ao fecho e puchou a vidraça para si. A noite estava serena, e distinguia-se tudo na praia. Procurou com a vista o logar em que tinham enterrado Campana, dois cães que esgravatavam na terra lh'o indicaram. O rei fechou a janella com violencia, e deitou-se vestido sobre a cama. Receando porém que attribuissem a sua agitação a um temor pessoal, despio-se, deitou-se, e dormio, ou pareceu dormir.

No dia 9 de manhã, chegaram os alfaiates que Murat tinha mandado buscar. Encomendou-lhe diferentes fatos, cujo teitio se deu ao incommodo de explicar com minuciosidade. Estava occupado com isto quando entrou o general Nunzianti. Esetou tristemente ás ordens que o rei dava; acabava elle de receber despachos telegraficos, que ordenavam ao general fizesse julgar o rei como inimigo publico por uma commissão militar. Porém vendo o rei tão socegado, e quasi tão alegre,

não teve animo de lhe annunciá-lo seu processo; e deliberou retardar a abertura da comissão militar até á chegada de um despacho por escripto. Chegou este na noite de 12. Era recebido assim.

«Napoles, 9 de Outubro de 1815.

Fernando por graça de Deus etc. Fomos decretado e decretamos e segu nte:

Art. 1.º O general Murat será levado perante uma comissão militar, de que o nosso ministro da guerra nomeará os membros.

Art. 2.º Conceder-se-ha ao condemnado apenas meia hora para receber os soccorros da religião.

(Assignado) *Fernando.*

Uma portaria do ministro continha os nomes dos vogaes da comissão: Gtu seppe Fuscuro; Lafaello Scalfaro chefe da Legião da Calabria inferior; Lacteo Natali, tenente coronel da marinha real; Genaro Lanzetta, tenente coronel de engenheiros; W. T. capitão de artilheria; Francisco de Vengé, idem; Francisco Martillari, tenente de artilheria; Francisco Troio, tenente do 3.º regimento; Giovanni dilla Camera, procurador geral do tribunal da Calabria inferior; Francisco Papavassi, escrivão.

A commissão reunio-se á noite. A's 6 horas da manhã, do dia 13 d'Outubro, o capitão Stratti entrou na prizão do rei, que dormie profundamente: Stratti ia sahir; quando abrindo a porta, derrubou uma cadeira: esta bulha acordou Murat. — Que me quereis capitão? perguntou o rei. — Stratti quiz fallar, mas não teve animo.

Ah! Ah! disse Murat, parece que recebemos noticias de Napoles?... Sim, senhor, murmurou Stratti.

Que dizem ellas perguntou Murat. — O vosso processo senhor.

E por quem serei eu julgado, se me fazem favor? Aonde achar iguaes para me julgar? Se me consideram como rei, é preciso reunir um tribunal de reis, se me consideram como marechal de França, um tribunal de marechaes; e, se pelo menos me consideram como general, é preciso um tribunal de generaes. — Senhor, sois considerado como inimigo pu-

blico; e como tal respondereis perante uma comissão militar; é a lei que vós mesmos promulgastes contra os rebeldes. — Esta lei foi feita para saiteadores e não para testas coroadas, respondeu Murat deslenhosamente. Estou prompto: assassine-me, muito embora; mas nunca teria julgado o rei Fernando capaz de tal infamia! — Senhor, não quereis ver a lista de vossos juizes? — Sim senhor, sim, deve ser uma coisa curiosa: lede, que eu vos escute.

O capitão Stratti leu os nomes que mencionamos: Murat escutou com um sorriso desdenhoso.

Ah! continuou elle quando o capitão acabou, parece que todás as precauções estão tomadas. — Como, senhor? — Pois não sabeis que todos esses homens, á excepção do relator Francisco Troio, me devem as suas patentes? recearão ser accusados de reconhecimento; e a sentença, menos um voto, será unanime. — Senhor! se compareceis perante a commissão; se advogasseis mesmo a vossa causa... Silencio! senhor. Para eu reconhecer esses juizes que me nomearam, seria preciso rasgar muitas paginas da historia; um tal tribunal é incompetente; eu teria vergonha de me apresentar perante elle: bem sei que não posso salvar a vida: deixai-me ao menos salvar a dignidade real.

Neste momento o relator Francisco Troio entrou para enterrogar o prisioneiro, e lhe perguntou seus nomes, idade, e patria. A taes perguntas, Murat levantou-se com uma expressão de dignidade terrivel. — Sou Joaquim Napoleão, rei das duas Sicilias, e ordeno-vos que sahaes immediatamente d'aqui! — O relator obedeceu.

Murat vestio só uma calça e perguntou a Strattl se poderia dirigir o ultimo adeus a sua mulher e filhos. O general não podendo já fallar, respondeu com um gesto affirmativo. Então Joaquim se sentou á meza e escreveu a seguinte carta:

«Querida Carolina. Chegou a hora fatal, vou morrer: daqui a uma hora não terás esposo, e nossos filhos não terão pai. Lembrai-vos de mim nunca esqueçais a

minha memoria. Morro innocente e a vida me é arrancada por um julgamento iniquo. Adeus, meu Achilles — Adeus, minha Leticia — Adeus, meu Luciano — Adeus, minha Luiza — Mostrai-vos dignos de mim. Deixo-vos sobre um solo, n'um paiz de inimigos. Mostrai-vos superiores á adversidade: lembrai-vos do que sois, e esquecei-vos do que foste. Adeus: eu vos abençou-o. Não almaldiçoeis já mais a minha memoria. Lembrai-vos de que o meu maior supplicio é de morrer longe de meus filhos, longe de minha esposa, e de não ter sequer um amigo para me errar os olhos. Adeus, minha Carolina. Adeus, meus filhos. Recebei a benção paterna, minhas lagrimas ternas, e meus ultimos beijos. Adeus. Não vos esqueçais nunca do vosso infeliz pai. — Pizzo, 11 de Outubro de 1815. — *Joaquim Murat.*»

Murat cortou então um bocado de seu cabello, e o mettu na carta. Neste momento entrou o general Nunzianti: Joaquim, apertando-lhe expressivamente a mão, disse: — General! sois pai, sois esposo, e sabereis um dia o que é deixar mulher e filhos. Jurai-me que esta carta será entregue. — Vamos, vamos! coragem, general, disse Mu'at; somos soldados, e sabemos o que é morrer. Um favor sómente: deixar-me heis commandar o fogo, o general lhe significou que este ultimo favor lhe seria concedido. Nesta occasião entrou o relator com a sentença do rei na mão. Murat adivinhou o que era. — Lede, senhor, disse elle friamente; eu vos escuto. O relator obedeceu. Murat não se havia enganado: a pena de morte fora votada por unanimidade, exceptuando apenas um voto.

Acabada a leitura, o rei se voltou para Nunzianti, e lhe disse: — Acreditai general, que separo no meu espirito o instrumento que me fere da mão que o dirige. Nunca julguei que Fernando fosse capaz de commetter a infamia de me fuzilar como um bandido! Muito bem. Não falemos mais nisso. — Recusei os meus juizes, mas não os meus carrascos.

Que hora designais para a minha execução? — Fixal-a-heis vos mesmo, senhor, disse o general.

Murat tirou da algibeira um relógio em que estava o retrato de sua mulher; o acaso fez que em lugar do mostrador, fosse antes o retrato que primeiro se apresentou á vista. Elle o olhou com ternura.

Olhai general, disse elle, é o retrato da rainha, não o achais bem parecido? O general voltou a cabeça. Murat deu um suspiro e tornou a meter o relógio na algibeira. — Então, senhor, disse o relator, que hora marcais? — Ah! tendes razão; esqueceu-me vendo o retrato de Carolina, para que tinha puxado pelo relógio. Puxou novamente por elle, mas desta vez foi para o mostrador que olhou. — Pois bem! será ás quatro horas, se assim o quereis; já passa das tres, são cincoenta minutos que vos peço; é muito senhores? — O relator inclinou-se e sahio. O general quiz seguil-o.

Não vos tornareí mais a vêr, Nunzianti? disse Murat. As ordens que tenho recebido me prescrevem que assista á vossa morte, mas não terei forças para tal. — Bem, muito bem, general, dispenso-vos de estares presente no ultimo momento; mas desejo dizer-vos adeus ainda uma vez e abraçar-vos. — Irei encontrar-vos no caminho, senhor. — Obrigado: agora deixai-me só. — Senhor, estão alli dois padres. — Murat fez um ar de impaciencia. — Quereis rebel os? — Sim: fazei-os entrar. O general sahio.

Passado um instante, os dois padres appareceram no limiar da porta; um chamava-se D. Francisco Pellegrino, era tio do que causava a morte do rei, o outro D. Antonio de Mardia.

Que vindes aqui fazer? lhes disse Murat. — Perguntar-vos se quereis morrer como christão.

Morrerei como soldado. Deixai-me. — D. Francisco Pellegrino retirou-se. Por certo que não estava á sua vontade deante de Joaquim. D. A. Mardia ficou á porta.

Não me ouviste? disse o rei. — Sim, senhor, mas permiti-me que não acredite ser esta a vossa ultima vontade. Não é esta a primeira vez que vos fallo e vos imploro; já vos pedi uma graça. Qual? — Quando vossa magestade veio ao Pizzo em 1810, pedi-lhe 25:000 fran-

cos para mandar concluir uma igreja, e vossa magestade mandou-me 40:000.

— E porque eu previa que euahi seria enterrado? respondeu sorrindo Murat. — Pois bem, eu espero que não recusareis a minha segunda supplica, bem como não recuzaste a primeira: senhor, eu volto peço de joelhos.

O velho padre caiu aos pes de Murat. — Morrerei como christão; dar-vos-hei esse prazer. — Senhor, eu daria os poucos dias que me restam para obter de Deus que seu espirito vos visitasse na hora extrema.

Muito bem diz Murat, ouvi a minha confissão: — Eu e accuso de ter desobedecido a meus pais quando era pequeno — depois de adulto nada mais tenho que me cause remorsos. — Mas, senhor, dar-me-heis uma prova de que morrereis na religião christã? — Certamente! diz Murat; e lançando a mão a uma penna, escreve: — Eu, Joaquim Murat, morro na fé de Christo, e acredito plenamente na santa igreja catholica, apostolica, romana. E assignou. No entretanto, meu padre, se tendes alguma outra coisa a pedir-me, abreviai-vos, porque daqui a meia hora já não é tempo. E com effeito, neste momento soavam tres horas e meia no relógio da cadeia. O padre fez-lhe então signal de que estava tudo concluido. — Deixai-me agora só diz Murat. O padre retirou-se.

Murat passou alguns minutos a passo largo na camara; depois stirou-se para cima da cama, e deixa cair a cabeça sobre as mãos, sem duvida, duran'e o quarto de hora em que Murat estivera assim absorto em seus pensamentos, elle repassou, como em revista, a sua vida toda inteira, desde o albergue donde saira até o palacio em que entrara. A sua carreira de aventuras se lhe representou então na imaginação, como um sonho dourado, uma mentira brilhante, ou um conto das Mil e Uma Noites. Como o arco-iris, brilhava elle durante a tempestade, e assim tambem as suas duas extremidades se perdiam nas nuvens do seu nascimento e da sua morte. Saio finalmente da contemplação interior, e levantou a fron-

te palida, mas tranqüila. Aproximando-se então de um espelho, arranjou os cabellos: o seu caracter extraordinario não o abandonava: esperava pela morte, e enfeitava-se para recebê-la.

Deram quatro horas. Murat foi abrir a porta. O general Nunzianti esperava-o. — Obrigado! general, diz Murat; foste pontoal, abraçai-me e retirai-vos se que-reis.

O general precipitou se chorando nos braços do rei sem que pudesse articular uma só palavra: — Vamos, coragem, torna Murat, bem vedes que estou socogado.

Então o rei dirigio-se ao pateo: tudo estava em ordem para a execução. Nove soldados e um cabo estavam formados diante da porta da casa do conselho. Adiante d'elles havia um muro de dez pés de altura; a tres passos antes do muro estava um limiar de porta com um só degrão: Murat collocou-se sobre este degrão, donde dominava os soldados em carregados da sua execução. Chegando ao sitio fatal, tirou o seu relógio beijou o retrato da esposa, e com os olhos fixos sobre elle, mandou carregar as armas. A palavra: Fogo! cinco dos nove homens desfecharam. Murat ficou de pé. Os soldados não se tinham atrevido a atirar ao seu rei, rasão porque apontaram por cima da sua cabeça.

Foi talvez neste occasião que melhor se demonstrou a coragem do leão, que era a mais particular virtude de Murat. Nem sequer uma só linha do seu rosto se alterou, nem um unico musculo do corpo se contraio; unicamente olhando os soldados com uma expressão de reconhecimento amargurado, lhes disse: — Obrigado, amigos; porem como mais tarde ou mais cedo vos será forçoso apontar bem, não prolongueis a minha agonia. O que vos peço apenas é que aponteis ao coração e respeiteis o rosto. Recebei os meus agradecimentos. E com a mesma voz, e com a mesma tranqüidade, com o mesmo sangue frio, repetio as palavras fataes, umas após de outras, com lentidão e sem precipitação como se commandasse uma simples manobra; porem desta vez, mais feliz do que na primei-

ra, á palavra — Fogo! caio atravessado por oito balas, sem fazer um movimento, nem arrancar um suspiro, nem largar o relógio que tinha na mão.

Os soldados levantaram o cadaver, deitaram-no sobre a cama aonde dez minutos antes elle estivera assentado, e o capitão collocou uma guarda á porta.

A' noite apresentou-se um homem para entrar na camara mortuaria : a sentinella obistou á entrada ; mas este homem significou querer fallar ao commandante do castello. Conduzido á sua presença mostrou-lhe uma ordem. O commandante leu-a com surpresa e desgosto ; depois da leitura, conduzio-o até á porta da camara, cuja entrada lhe haviam recusado.—Deixai passar o senhor Luidgi, disse elle á sentinella apresentou a arma ao commandante. Luidgi entrou.

Não tinham ainda decorrido dez minutos, quando elle saio sustentando na mão um lenço ensanguentado, no qual trazia

um objecto que a sentinella não pôde ver.

Uma hora depois, chegou um ensemblador com o caixão que devia occultar os restos mortaes do rei. O obreiro entrou na camara ; mas quasi ao mesmo tempo chamou a sentinella com um assento indisivel de terror. O soldado entreabriu a porta para ver o que poderia ter originado o terror a este homem. O ensemblador indicou-lhe então com o dedo um corpo sem cabeça.

Quando morreu o rei Fernando, encontraram n'um armario occulto do seu quarto de dormir esta cabeça conservada em espirito de vinho.

Oito dias depois da execução do Pizzo, cada qual havia recebido a sua recompensa : Trenta Capelli fôra promovido ao posto de coronel, o general Nanzianti agraciado com o titulo de marquez, e Luidgi envenenado.

LIVRINHOS D'OIRO

R

BIBLIOTHECA NACIONAL.

OBRAS POPULARES DADAS À LUZ

POR

EDUARDO DE FARIA & C.^A

SOB OS AUSPICIOS DO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Os LIVRINHOS D'OIRO, formam uma collecção de pequenos e nitidos livrinhos contendo biografias populares, receitas, manuaes de artes e officios, poesias, litteratura, novellas, etc., escriptos em linguagem pura; ao alcance de todas as bolsas, pelo modico preço de 20 a 100 reis cada volume de 20 a 200 paginas.

Os *Livrinhos d'Oiro*, publicam-se muito a miudo. O 1.^o sahirá á luz nos primeiros dias do mez de Janeiro de 1854.

Achar-se-hão á venda em todas as lojas de livreiros de Lisboa, e serão remettidos *francos de porte* pelo correio a todos os assignantes das provincias.

O preço das assignaturas para Lisboa é pago no acto da entrega de cada volume.

As pessoas das provincias que quizerem assignar, o poderão fazer remettendo a Faria & C.^a, Lisboa, Rua dos Calafates n.^o 114 — a importancia de 1:000 reis,

Estes volumes achar-se-hão á venda em todos os Concelhos de Portugal, para onde serão remettidos pelos Srs. Governadores Civis dos districtos, por especial recommendação do Governo, que se tracta de obter.

A BIBLIOTHECA NACIONAL, obra especialmente dedicada para a educação dos meninos, e para leitu as nas escolas, publicará um volume por mez.

O preço de cada volume de perto de 300 paginas, é de 480 réis.

A *Bibliotheca Nacional* achar-se-ha á venda em casa de todos os correspondentes da *Bibliotheca Economica*, e poderá ser remettida para as Provincias directamente a qualquer pessoa que mande previamente pagar o seu importe.

